

Sonhar um Sonho: Freud e a interpretação dos sonhos (Sobre a Concepção da Psicanálise)

*Ignácio Alves Paim Filho**

Resumo: O autor faz um breve percurso pelo pensamento freudiano sobre o processo onírico, tendo como interlocutor a *Interpretação dos Sonhos*. Seu pensar está construído em três tempos: a pré-história: da clínica à auto-análise de Freud; a história: o trabalho do sonho; estrutura e funcionamento do aparelho psíquico; e os desdobramentos da história: o destino do pensamento freudiano sobre os sonhos. Nesse último tempo, interroga-se sobre o destino, na contemporaneidade, da técnica freudiana de trabalhar os sonhos, que julga esquecida. Assim sendo, propõe que o analista pense na pertinência de reinvestir os binômios da equação: investigação + tratamento = psicanálise. Diante disso, faz a recomendação de que o analista não se furte ao seu lugar de intérprete de sonhos.

Palavras-chave: Sonho. Interpretação do sonhos. Investigação. Tratamento psicanalítico.

Os bons são os que se contentam em sonhar com aquilo que os maus executam realmente (Platão, República).

Todo o sonho que não se interpreta é uma carta que fica sem ser aberta (Talmud).

Sonhos, de onde vens? Que histórias tuas imagens denunciam? Qual o lugar que ocupas em nosso sono? Provavelmente estas e muitas outras perguntas faziam parte das

* Psicanalista, Membro Pleno do CEP de PA, Membro Associado da SBP de PA.

inquietações que habitavam a alma dos homens, talvez desde o início dos tempos, mas com certeza de forma mais enfática no decorrer do século XIX e início do século XX. Freud, em sintonia com sua época, começa a desenvolver um pensar marcado por várias indagações sobre os sonhos. Sabemos, em sua correspondência com Marta, que já em 1883 mantinha um “caderno de anotações pessoais sobre os sonhos”, ou ainda sua admiração (identificação) com o José bíblico, o interpretador de sonhos, que galgou o lugar de ministro do faraó do Egito, devido a essa rara habilidade de produzir um descerramento para os enigmas do sonho.

Esse contexto fértil e pulsante na vida do jovem Sigmund Freud é um dos fatores que viabilizam o seu ir mais além que seus predecessores, principalmente quando se agrega a essa conjuntura o avanço das suas experiências clínicas, o que lhe possibilitou o abandono da hipnose e da sugestão com seus pacientes. Diante disso, o mundo onírico adquire um espaço para a sua escuta e, por conseguinte, para ser revelado, contado, interrogado. Com esse cenário estão dadas as condições para se construir o novo caminho em busca de uma nova significação.

Freud, os sonhos e a concepção da psicanálise estão de tal forma implicados que, ao nos remetermos a um deles, temos necessariamente de falar da relação complementar que existe com o outro. Nesse sentido, pretendo fazer um rápido percurso sobre a origem e o destino dessa série complementar, tendo como escopo principal o que podemos considerar como o livro inaugural da psicanálise: *Interpretação dos Sonhos – Die Traumdeutung* (1899/1900a). Para viabilizar tal pretensão, dividirei minhas divagações em três momentos: a pré-história: da clínica à auto-análise de Freud; a história: o trabalho do sonho – estrutura e funcionamento do aparelho psíquico; e, por último, os desdobramentos da história: o destino do pensamento freudiano sobre os sonhos.

1. A Pré-História: da clínica à auto-análise de Freud

Pois esse livro [...] foi, como verifiquei, parte de minha própria auto-análise, minha reação à morte de meu pai – isto é, ao evento mais

importante, à perda mais pungente da vida de um homem (FREUD, 1908, p. 32).

Em 1886, o jovem médico Sigmund Freud retorna de sua viagem de estudos em Paris, iniciando logo em seguida a trabalhar em sua clínica privada. Clínica essa marcada não só pelo universo da histeria, mas também da neurose obsessiva, onde os sonhos se apresentavam como uma constante que insiste e persiste, como se buscassem um interlocutor. Esse processo vai se infiltrando na mente do nosso incipiente psicanalista, o que faz com que, em 1894, anuncie a Breuer que sabia interpretar os sonhos e, em maio de 1895, confidencie a Fliess sua tese do sonho como realização de um desejo. Até que na noite de 23 para 24 de julho de 1895 o que era percepção se faz representação: Freud construirá o sonho *A injeção feita em Irma* – sonho paradigmático por vários motivos. Ressalto a importância de encontrarmos nele a fusão do Freud clínico com o Freud objeto de investigação. O lugar primordial desse sonho é explicitado pelo próprio Freud quando, em carta a Fliess (12/06/1900b), fala do seu desejo de que no futuro haja uma placa (na pousada em que se deu o sonho, Bellevue) com os seguintes dizeres: “Aqui, em 24 de Julho de 1895, o segredo do sonho se revelou ao Dr. Sigm. Freud” (p. 418).

Seguramente, o grande segredo revelado foi o de que o sonho é a realização do desejo, ou, mais especificamente, de um desejo sexual recalçado. Na interpretação proposta por Freud encontramos toda uma narrativa na qual explicita o trabalho do sonho para burlar a força da censura. Essa é a primeira auto-análise completa de um sonho, o que lhe confirma sua teoria e vem acalantar o seu desejo, a sua crença de ser possível construir um modelo de aparato anímico, “sonhar um sonho”. Recordemos que em setembro desse ano Freud redige seu *Projeto de uma Psicologia Científica*, propondo uma estrutura e um funcionamento para a psique. No ano seguinte, 1896, usará pela primeira vez a expressão “aparelho psíquico”; nomeará sua recém-nascida ciência de “psicanálise” e seu corpo teórico, em fase de gestação, de “metapsicologia”.

O ano de 1896 foi extremamente marcante para Freud: ocorre, em outubro, a morte de seu pai; paralelamente, se afasta definitivamente de Breuer e liga-se de forma mais intensa a Fliess. Na noite após o sepultamento de Jacob Freud, tem o sonho *Pede-se fechar os olhos* e, no final desse ano, entre dezembro e janeiro 1897, terá os célebres sonhos de Roma, que remetem ao pai, prefigurando o romance familiar que Freud está em vias de descobrir. Sabemos que Freud só realizará o seu desejo de ir a Roma em 1901, após a publicação da *Interpretação dos Sonhos* – fato marcante, associado ao processo de afastamento de Fliess, e, tudo indica, à boa resolução do seu conflito paterno, produto da sua auto-análise.

Freud inicia o ano de 1897 inquieto: começa a duvidar da sua teoria da sedução; por exemplo: seria seu pai culpado dos sintomas histéricos de seus irmãos? (Sonho do tio da barba amarela.) Em maio, decide escrever um livro sobre os sonhos; coincidência ou não, percebe nessa ocasião a presença do desejo de morte contra os progenitores do sexo oposto. Em julho começa sua auto-análise sistemática, utilizando-se principalmente dos sonhos e tendo Fliess como seu ouvinte. Em setembro, renuncia à sua teoria da sedução real e traz à tona que essas histórias de abuso são expressão de desejos incestuosos da criança para com os pais. Freud, na inter-relação da sua auto-análise (em que vai encontrando resíduos dos seus desejos em relação às figuras parentais) e sua prática analítica, vai avançando na estruturação do seu saber. Nesse sentido, será determinante o tratamento que havia realizado (1895) de um jovem obsessivo, atormentado por seus impulsos homicidas contra o pai, que, em determinado momento, lhe relatou um sonho incestuoso com a mãe. Diante desse fato, penso que poderíamos concluir que, com as históricas, Freud descobriu que os sonhos têm um sentido: a realização de um desejo sexual recalcado – e, com o paciente obsessivo citado, o conteúdo desse desejo: o incesto e o parricídio. Com isso, teríamos os fundamentos da psicanálise assentados sobre a neurose histérica e obsessiva.

Como resultante desses múltiplos fatores, em outubro, um ano após a morte de Jacob, Freud está apto a nomear sua descoberta: o complexo de

Édipo. Encontramos essa certidão de nascimento em carta a Fliess, de 15/10/1897. Eis suas palavras:

Cada pessoa da platéia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua horrorizada, diante da realização do sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa o seu estado infantil do estado adulto (p. 273).

Com este instrumental, Freud estava em condições de dar corpo ao seu projeto de escrever o livro dos sonhos, o que fará nos dois anos seguintes. Em 04/11/1899, com a data de 1900, seu livro *Interpretação dos sonhos* é publicado, simultaneamente, em Leipzig e Viena.

2. A História: o trabalho do sonho – estrutura e funcionamento do aparelho psíquico

Falamos em “regressão” quando, num sonho, uma representação é retransformada na imagem sensorial de que se originalmente derivou (FREUD, 1900a, p. 497).

Ocuparmo-nos do livro dos sonhos de uma forma completa sabemos ser tarefa árdua. Tendo isso em mente, tomarei como objeto de reflexão um recorte do que julgo serem os dois capítulos fundamentais desse compêndio: os capítulos 6 e 7. É importante ressaltar que ambos cumprem a função de dar sustentabilidade teórica ao processo onírico, porém sua função é bem maior e transcende o sonhar, pois vai desvelar ao mundo a forma como se estrutura o psiquismo e como se dá o seu dinamismo. Lembrem de um “sonhar um sonho”? Freud o realiza criando *Interpretação dos Sonhos*, o que lhe permite construir um modelo de aparelho psíquico e, com ele, concebe de forma mais plena a psicanálise.

Acredito que, para compreendermos o aparato psíquico que o universo dos sonhos nos contempla, se faz necessária uma rápida viagem — 1891 (Afásias) até 1900 (Sonhos).

Em 1891, Freud escreve seu último trabalho ligado à neurologia: *So-*

bre as Afasias; ou, melhor dizendo, de um lado remete à neurologia, mas do outro remete à nova ciência que Freud está gestando, a psicanálise. Encontramos, nessa monografia, o que poderíamos chamar de um esboço arcaico do aparelho psíquico: o aparelho de linguagem. Uma das grandes contribuições nesse momento são as considerações sobre as representações, estabelecendo uma caracterização das representações de coisa, de palavra e de objeto, assinalando que é a palavra que constitui o objeto como objeto, e é esse que fornece à palavra o seu significado. Desenvolveu suas idéias tendo como referencial as situações que se estabelecem nas parafasias, nas quais vai identificar a questão da disfunção sem lesão anatômica correspondente, com base na teoria da funcionalidade. Já, nesse momento, Freud traz uma contribuição importante que se liga com a sua visão da psicopatologia da histeria: em ambos não há lesão anatômica. Acrescenta mais, ao dizer que o que observamos nos parafásicos não se distingue do que podemos observar em pessoas normais quando sob o efeito de estados emocionais intensos. Portanto, Freud está declarando que a diferença entre a normalidade e a doença é muito tênue, sendo o determinante o fator intensidade (econômico). Talvez pudéssemos especular que nesse momento estamos diante da gênese de um novo paradigma, que vai ser desenvolvido no decorrer do pensamento freudiano.

Quatro anos se passam, chegamos a 1895 e Freud está embebido nos estudos sobre a histeria, decidido a formatar um modelo de aparato psíquico. Em setembro desse ano, após chegar de Berlim, onde fora visitar Fliess, redige o seu *Projeto de uma Psicologia Científica*. Aqui vamos encontrar o que Freud chamou de “aparelho neuronal”, constituído pelos neurônios Ø, Y e W. O primeiro, Ø, é responsável pela percepção, não retém nada; o neurônio Y é a própria memória, em que se inscrevem as experiências de dor e de satisfação; e o W é responsável pela qualidade.

Um ano depois, em 1896, na chamada *Carta 52*, endereçada a Fliess, ocorre um avanço importante, ficando os neurônios de lado. Freud propõe outra linguagem e fala pela primeira vez em “aparelho de memória”, com a seguinte estrutura: percepção – inscrição (totalmente inacessível à consci-

ência/primeiro registro) – inconsciência (inacessível à consciência/segundo registro) – pré-consciência (ligado à representação de palavra).

Por último, chegamos a 1900, à *Interpretação dos Sonhos*, em que, no capítulo 7, no item “regressão”, encontramos o aparelho psíquico que vai ser conhecido como a primeira tópica freudiana. A compreensão dos sonhos vai permitir que Freud dê forma ao seu sonho, tornando-o realidade. Após descobrir que os sonhos são a realização de um desejo, que esse desejo é o parricídio e o incesto, que são negativados pela força do recalçamento, estão dadas as condições para que Freud avance e estabeleça uma estrutura mais definitiva, que permita a esse aparelho ser chamado de psíquico. Aqui, os lugares que até então vinham se insinuando recebem nomes, são reconhecidos como um espaço psíquico e, pode-se dizer, são ressignificados. Freud desprende-se, de uma forma ampla, da linguagem neurológica, ingressa num mundo metafórico, ocupando-se do simbólico. Podemos observar, principalmente nos capítulos 6 e 7, as transformações e manutenções dos modelos de aparato psíquico de 1891, 1895 e 1896. Com isso, Ø, Y e W e os vários tipos de percepção e inscrição vão se transformar no sistema topográfico com a seguinte constituição: percepção – inconsciente – pré-consciente/consciente – pólo motor.

Esse novo-velho aparelho vai trazer consigo os mesmos princípios de funcionamento psíquico, todo o jogo de forças que se estabelece entre as defesas; porém, o que se soma a essa topografia (1900a) é a presença de um inconsciente que tem estrutura e funcionamento próprios; ele não é um apêndice da consciência, mas, sim, o mundo subterrâneo que Freud se propôs a agitar, conforme diz na epígrafe da *Interpretação dos Sonhos*: “Se não puder mover (dobrar) os deuses de cima, agitarei o submundo” (1900a, p. 17). Acrescenta, ainda, em nota de rodapé, em 1927: “O desejo rejeitado pelas instâncias psíquicas superiores (o desejo recalçado do sonho) agita o submundo psíquico (o inconsciente) para se fazer escutar” (p. 17).

Ao contextualizar, no livro dos sonhos, o universo do inconsciente, Freud faz o inédito, propondo o trabalho do sonho caracterizado pela condensação e pelo deslocamento como o protótipo de funcionamento do

inconsciente – processo primário que se contrapõe ao processo secundário do pré-consciente/consciente. A partir desse momento, o determinismo do inconsciente faz do sujeito da consciência um vassalo do sujeito do inconsciente, principalmente quando Freud se atreve a dizer que o desejo é o propulsor da psique: desejo este que está alojado no núcleo do inconsciente recalçado. Essa premissa fará Freud, em 1917, afirmar a célebre frase; “*O ego não é senhor da sua própria casa*” (p. 178).

Cabe ressaltar que o livro dos sonhos receberá contribuição importante em 1915/1917, com o texto *Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos*. Esse suplemento enriquecerá a teoria dos sonhos e, por conseguinte, do sujeito psíquico, pois com esse trabalho será ampliado o papel da alucinação como elemento estruturante da psique. Freud passa a utilizar um novo modelo para pensar o sujeito – na inter-relação psicose-neurose.

Devemos sempre ter em mente que o processo onírico proposto por Freud é o processo de funcionamento do psiquismo. A via régia dos sonhos foi o caminho trilhado pelo criador; foi através deles que o inconsciente pôde se fazer escutado.

3. Os Desdobramentos da História: o destino do pensamento freudiano sobre os sonhos

Existe pelo menos um ponto em todo o sonho no qual ele é insondável – um umbigo por assim dizer que é seu ponto de contato com o desconhecido (FREUD, 1900a, p. 132).

A psicanálise é uma jovem ciência que tem, hoje, pouco mais de cem anos. Muito se produziu nesse período; vários avanços teóricos e técnicos são responsáveis pela sua vitalidade. Sabemos, por exemplo, o quanto o trabalho da interpretação dos sonhos se tornou muito mais complexo. Freud, o analista, trabalhava com a idéia de deciframento do analista, que iria desdobrando as várias partes do sonho até chegar ao seu umbigo, ou seja, ao limite do analisável. Hoje, ao lado da interpretação feita no campo analítico, temos instrumentalizada a compreensão da importância do traba-

lho do sonho por si só no processo de cura do paciente.

Entretanto, venho sendo acompanhado por interrogantes que têm me produzido um sentimento de inquietante estranheza sobre a técnica freudiana de investigar e trabalhar os sonhos. Muitas vezes tenho ouvido que o modo de Freud trabalhar um sonho está ultrapassado, que em nossa vida cotidiana de analista já não trabalhamos nesses moldes. Sendo assim, o pensamento técnico de Freud está destinado a fazer parte da pré-história da técnica psicanalítica? Antes de me haver com esse enigma, farei mais algumas considerações sobre o lugar estruturante do saber metapsicológico dos sonhos para a ciência freudiana.

Sabemos que não temos nada de novo no que concerne ao arsenal metapsicológico construído por Freud em 1900 e completado pelo trabalho de 1915/1917. Essa afirmação é compartilhada pelo próprio Freud, que no prefácio da terceira edição inglesa, em 15/03/1931, proferiu as seguintes palavras:

Este livro, com a nova contribuição à psicologia que surpreendeu o mundo quando da sua publicação (1900), permanece essencialmente inalterado. Contém, mesmo de acordo com meu pensamento atual, a mais valiosa de todas as descobertas que tive a felicidade de fazer. Um discernimento claro como esse só acontece uma vez na vida (p. 38).

Refletindo sobre as palavras de Freud, após ter feito uma releitura parcial do livro dos sonhos, vejo o quanto continua surpreendente, o quanto se faz necessário relermos, dialogarmos com as idéias desveladas pelo criador. Esse clássico da literatura psicanalítica vai nos argüindo no desenrolar do texto sobre o nosso compromisso, enquanto analista, com a escuta do inconsciente e com o lugar privilegiado que os sonhos ocupam para nos reportar ao sujeito do inconsciente.

Freud, o pensador desse sujeito, pôde conceber a psicanálise porque ousou empregar não só seus pacientes, mas também a si como objetos de seu estudo, tendo nos sonhos o fio condutor. Ao utilizar os seus próprios sonhos, consegue um ganho importante: validar o processo onírico mais

além da patologia, fazendo dos sonhos o paradigma por excelência da sua ciência, seu *Shibboleth*¹, como diz em 1914 e 1933. Com isso, temos lançado um dos grandes diferenciais da psicanálise: o sujeito sendo o instrumento do seu trabalho ou, mais precisamente, do seu inconsciente. Freud afirma textualmente essa compreensão em 1912: “[...] o inconsciente do médico é capaz, a partir dos derivados do inconsciente que lhe são comunicados, de reconstruir esse inconsciente que determinou as associações livres do paciente” (p. 154).

Retomando o tema do desdobramento do pensamento técnico freudiano, nesses novos tempos, agrego mais algumas perguntas: segue vigente a idéia de Freud de ver o analista como um intérprete de sonhos? Trabalhar os sonhos nos moldes como Freud o fez no *Sonho da Injeção de Irma*, em *Dora*, no *Homem dos lobos*, ou, ainda, em sua *Auto-análise*, é um método a ser seguido?

Diante dessas interrogações, percebo a complexidade da minha temática e, provavelmente, a impossibilidade de lhes dar resposta. Contudo, vou me aventurar. Tomarei como escopo a idéia freudiana de que a função analítica está vinculada à tarefa de instrumentalizar os recursos do analisando, para que este possa ter maior acesso ao seu inconsciente, e de que os sonhos são os grandes embaixadores do território proibido, do Acheronte². Talvez um caminho a ser seguido seja o de repensarmos o trabalho da psique do analista, no *setting* e fora dele. Compreendo que o espaço analítico deve ser permeado pelo livre associar do analisando e por uma fértil atenção flutuante do analista, em que o sonhar possa ser trabalhado, interpretado, no encontro desses psiquismos, tendo como indicador as reflexões do analisando. Contudo, como equacionar a proposta complementar de pensar o trabalho da psique do analista fora do enquadramento do *setting*? Eis a grande questão: uma resposta conhecida remete à supervi-

¹ Freud usará essa expressão cinco vezes, que remete aos quatro conceitos fundantes da psicanálise, que julga que devam ser aceitos por todo o psicanalista. São eles, juntamente com os sonhos (nomeado duas vezes): sexualidade (1919), complexo de Édipo (1920), inconsciente (1923).

² Freud utiliza essa palavra na epígrafe da *Interpretação dos Sonhos* (1900, p.17). Na seguinte frase: “Flectere si nequeos superos, Acheronta movebo”.

são, ao seu papel de fomentadora de uma escuta analítica mais acurada por parte do supervisionando. Porém, indo mais além, penso no trabalho solitário de cada analista e o quanto poderia ser pertinente nos dedicarmos a “estudar” o processo analítico de nossos analisandos. Seria justamente nesses momentos que a produção onírica, enquanto marca indelével do inconsciente, poderia ser utilizada no sentido de um exercício de deciframento, de análise, enquanto quebra dos elos do conteúdo manifesto, que viabilizam o aparecer do conteúdo latente.

Perante essa idéia, postulo que esses seriam os períodos em que poderíamos resgatar, em nós mesmos, o espírito investigativo teórico-clínico que sempre norteou o pensamento freudiano. Desse modo, estudar, observar, fantasiar, tendo como vetor a via régia do acesso ao inconsciente – os sonhos – segue, desde o meu olhar, sendo um recurso valioso que deveria ser reinvestido por nós, analistas deste novo século, que vivemos diante de uma clínica que clama por interlocutores que tenham tempo de se ocupar da extensa temporalidade do psiquismo.

Conseqüentemente, pareceria oportuno que cada analista desenvolvesse, no decorrer de sua formação (que sabemos eterna), uma capacidade de auto-supervisão, juntamente com a capacidade auto-analítica, visando a um estudar a clínica não para fechar o pensamento, mas, sim, para ampliá-lo. Entendo que Freud, em 1912 e 1922, ao escrever que em psicanálise investigação e tratamento coincidem, está nos assinalando uma particularidade do nosso trabalho, centrada na abordagem do inconsciente, que só conhecemos por suas ramificações e derivativos. Assim sendo, se tivermos habilidade para instrumentalizar essas duas facetas do fazer psicanálise, sabendo escutar suas intensidades no decorrer do processo analítico, teremos maiores recursos para dar uma melhor sustentabilidade ao nosso fazer clínico diário, no exercício dessa função impossível. Nesse sentido, parafraseio Francischelli (2007), que usa a expressão: “O trabalho de colocar o tratamento no paciente”. Digo, destacando esse pensar: “O trabalho de colocar o analista a trabalhar, para que o tratamento seja colocado no paciente”.

Encerrando, ratifico a perenidade dessa concepção da e na psicanáli-

se: sonhar um sonho – realizar um desejo – requer um trabalho árduo e interminável, permeado por um interrogar-se constante. Portanto, inspirado no trabalho clínico do criador da *Interpretação dos Sonhos*, recomendo, nesses novos tempos, as velhas recomendações³, ou seja, que os analistas não se furtem, assim como Freud, do seu lugar de intérpretes (trabalhadores) de sonhos.

To Dream a Dream: Freud and interpretation of dreams (about the psychoanalysis concept)

Abstract: The author does a brief glance over Freud's thinking about the process of dreaming, having as an interlocutor the Interpretation of Dreams. His thinking is built over three times: The Pre-history – from the clinic to Freud's auto-analysis; The History – the process of dreaming/ the psychic arrangement's structure and working; and The History's Unfoldings – the destiny of Freud's thinking about dreams. In this last time, the author questions him self about the destiny, now a days, of Freud's technic on how to work with dreams, that he assumes is forgotten. In this manner, he proposes that the analyst thinks about the pertinence of reinvesting on both sides of the equation: investigation + treatment = Psychoanalysis. Facing this, the author recommends that the analyst doesn't rob him self the place of dream's interpretator.

Keywords: Dream. Interpretation of dreams. Investigation. Psychoanalytic treatment.

Sñar un Sueño: Freud y la interpretación de los sueños (sobre la concepción del psicoanálisis)

Resumen: El autor hace un breve recorrido por el pensamiento freudiano, sobre el proceso onírico, tiendo como interlocutor la Interpretación de los Sueños. Su pensar está construído en tres tiempos: la prehistoria – de la Clínica al Auto-análisis de Freud; La Historia – el trabajo del Sueño/Estructura y funcionamiento del aparato psíquico y Los desdoblamientos de la historia – El Destino del pensamiento freudiano sobre los sueños. En este último tiempo, se pregunta acerca del destino, en la contemporaneidad, de la técnica freudiana de trabajar los sueños, que juzga olvidados. Así siendo propone que el analista piense en la pertinencia de reinvertir los binomios de la ecuación: investigación + tratamiento = psicoanálisis. Delante de eso hace una recomendación que el analista no se omita de su lugar del intérprete de sueños.

Palabras-clave: Sueño. Interpretación de los sueños. Investigación. Tratamiento psicoanalítico.

³ Remeto o leitor ao trabalho “Novos Tempos, Velhas Recomendações” (LEITE; PAIM, 2007).

Referências

- FRANCISCHELLI, L. A. **Amanhã Psicanálise!** O trabalho de colocar o tratamento no paciente. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- FREUD, S. (1891). **La Afasia**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.
- _____. (1895). **Projeto de uma Psicologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- _____. (1896). Carta 52. In: **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 1.
- _____. (1900a). Interpretação dos Sonhos. In: **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 4 - 5.
- _____. (1900b). Carta Freud & Fliess. In: **A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhem Fliess**. Rio de Janeiro: Imago, 1896.
- _____. (1908). Prefácio à Segunda Edição, da Interpretação dos Sonhos. In: **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 4.
- _____. (1912). Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise. In: **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 12.
- _____. (1914). Contribución a la Historia del Movimiento Psicoanalítico. In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v. 7.
- _____. (1915/1917) Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 2.
- _____. (1917) Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise. In: **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 17.
- _____. (1923) Dois Verbetes de Enciclopédia. In: **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 18.
- _____. (1933) 29ª Conferencia. Revisión de la Doctrina de los Sueños. In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v. 22.
- LEITE, L, C; PAIM FILHO, I. A. Novos Tempos, Velhas Recomendações (Sobre a função analítica). **Psicanálise. Revista da SBP de PA**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 175-187, 2007.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Ignácio Alves Paim Filho

Felipe Néri, 457/401

94930-320 Porto Alegre – RS – Brasil

Telefone: (51) 3321-3825

E-mail: paim@terra.com.br